

O PAPA EM ÁFRICA

por Mário Soares

Devo confessar que não sou um fã de Bento XVI. É certo que sendo agnóstico reconhecido, talvez seja suspeito. Contudo, fui admirador de João XXIII, de Paulo VI e de João Paulo II. Segui com a maior atenção o Concílio Vaticano II, que constituiu uma enorme abertura da Igreja à sociedade e que contribuiu, decisivamente, para o diálogo ecuménico entre as Igrejas, em favor da paz, e para um diálogo civilizado entre crentes e não crentes.

Bento XVI - é o menos que se pode dizer - não se situa na linha dos Papas anteriores, que continuaram o espírito do Vaticano II, apesar de João Paulo II ter feito alguma marcha atrás no domínio da estrita ortodoxia teológica. Mas noutras áreas foi um grande Papa, que compreendeu a pluralidade do Mundo, dialogou amplamente com toda a gente, em todos os Continentes, e deu um contributo importante para a unidade europeia, antes e depois do colapso do universo comunista e da URSS em particular.

Bento XVI, desde o início do seu Pontificado, aliás inesperado, para inúmeros católicos, tem-se singularizado por variados passos em falso, que o obrigaram a tergiversações sucessivas, que dão dele uma imagem um tanto hesitante e pouco segura. O grande teólogo católico suíço, Hans Küng, que o conhece há longos anos - e tiveram discussões e divergências - deu-lhe, no início, o "benefício da dúvida". Mas num artigo recente publicado no El País já considera que o Pontificado de Ratzinger representa um lamentável passo atrás na abertura da Igreja à modernidade. Os espanhóis, no domínio político-religioso, por exemplo, têm grandes razões de queixa: Bento XVI beatificou os mártires religiosos da guerra civil, mas só os que foram mortos pelos republicanos, quando os houve dos dois lados... Aliás, os "mouros", que vieram de Marrocos, com Franco, para participarem na "cruzada nacionalista e cristã" da guerra de Espanha, tinham especial gosto em atacar os religiosos do campo republicano.

Tem sido, no domínio das chamadas questões fracturantes da sociedade contemporânea (como seja, o divórcio, o casamento dos homossexuais, a legalização do aborto, e no domínio da sexualidade em geral) que Bento XVI se tem revelado mais intransigente. Às vezes por forma inaceitável, mesmo para muitos, senão a maioria, dos católicos...

A viagem do Papa a África, aos Camarões e Angola, foi, em si mesma, uma iniciativa marcante e louvável, de todos os pontos de vista. África é um continente onde a pobreza e as condições de vida são piores e mais aflitivas, especialmente em tempo de crise, onde epidemias, como a SIDA, a tuberculose e outras, estão mais espalhadas, fazendo milhões de vítimas (que podiam ser salvas) e também onde as promessas, feitas pelos dirigentes dos países desenvolvidos foram mais retóricas, ineficazes e mesmo inexistentes. Estou a lembrar-me de um dos últimos discursos de Blair, quando ainda era primeiro-ministro, antes da conversão ao catolicismo e das promessas que então fez a África e que se cifram num zero absoluto...

Foi na primeira etapa de Bento XVI, aos Camarões, que o Papa teve um encontro com autoridades muçulmanas, muito oportuno, e resolveu investir contra o preservativo. Pregou a abstinência - em África!? - onde as populações não têm outra alegria e onde o preservativo tem salvo milhões de pessoas da SIDA. Essa é a verdade! Com essas duas temáticas - abstinência e preservativo - ia estragando a viagem e levantou uma onda de indignação europeia, mas não só.

Felizmente que em Angola pôs os pontos nos ii e encontrou palavras que caíram bem no coração dos angolanos. Falou da pobreza, da corrupção, das desigualdades sociais, da imperativa necessidade de uma maior repartição das riquezas angolanas e de mais democracia. Sem talvez desejar, marcou um contraste gritante com o que se passou em Portugal, quando o Presidente José Eduardo dos Santos, há poucos dias, visitou Lisboa e se verificou uma subserviência geral, muito desagradável, perante o "bezerro de ouro", para usar uma expressão bíblica... Aliás, honra nos seja, um bispo português, D. Januário Torgal Ferreira, contradizendo o Papa, disse, alto e bom som, que "proibir o preservativo é consentir na morte de muitas pessoas".

2. A passada reunião dos 27 membros da União Europeia parece não ter adiantado grande coisa em relação ao ataque à crise global que nos aflige. E também quanto à preparação do G20 que se realiza em Londres, em 2 de Abril próximo. Aumentaram-se 50 mil milhões de euros para facilitar crédito aos países mais afectados pela crise. Decidiram também contribuir com 75 milhões de euros para reforçar o Fundo Monetário Internacional (FMI) na sua capacidade de empréstimo aos países necessitados. Mas são meras promessas. E, por outro lado, nada nos garante que a União Europeia responderá, como um todo, coeso e convergente, na reunião do G20 em Londres. Porque no G20 estarão apenas 6 países europeus: os 4 grandes que parece terem querido fazer ressurgir o famoso "directório dos grandes" (Alemanha, Reino Unido, França e Itália), em absoluto contrário ao projecto europeu, segundo o qual todos os Estados membros são iguais, em direitos e deveres, e ainda mais dois, salvo o erro, a Espanha e a Holanda, escolhidos ninguém sabe por quem.

A verdade é que nessa reunião, tão importante, a União Europeia não falará a uma só voz. Nem o Presidente da Comissão ou o Presidente do Banco Central Europeu têm mandato para tal, mas os "quatro grandes", que, como tenho sublinhado, não se entendem quanto a uma estratégia única, nem convergem em absoluto com os Estados Unidos, como devia acontecer, na fase actual.

Porquê? Porque enquanto os Estados Unidos, estão a entrar numa nova era, como anunciou o Presidente Obama, em que a globalização e o modelo de capitalismo de casino devem ser corrigidos, obedecendo a princípios éticos e políticos, a União Europeia tem uma visão diferente: quer mudar o sistema, o menos possível para que possa funcionar ficando tudo na mesma e os responsáveis impunes... Ora isso não é possível.

Veremos como vai decorrer a reunião de Londres de 2 de Abril, que coincide com a primeira viagem de Obama à Europa, como Presidente. Estarão na reunião os chamados países emergentes, o que representa uma boa lufada de ar fresco, trazendo a problemática deste nosso Mundo cada vez mais global... Pena é que uma tal reunião não se faça no quadro e na sala das Nações Unidas...

3. O Senhor Provedor de Justiça ameaça abandonar unilateralmente as suas funções se não for substituído. Fartou-se de esperar e, porventura, de não lhe darem explicações da demora. É triste - e um sinal dos tempos - que se tenha chegado tão longe. Representa a incomunicabilidade dos dois principais partidos, como não me lembro de nunca ter acontecido. O nome agora proposto, o Prof. Jorge Miranda, pelo líder parlamentar do PS, Alberto Martins, é uma excelente hipótese, tanto mais que sempre foi uma personalidade da área do PSD. Mas não devia ter sido atirado para a ribalta - se o foi - antes do PSD ter sido consultado. Em política, o modus faciendi é muito importante. Sobretudo em época de eleições.

Lisboa, 24 de Março de 2009